

Em Rondônia: trabalhadores sem terra são espancados e presos pela Polícia Militar





Em menos de quinze dias, o Estado de Rondônia, através de sua Polícia, efetiva atos de violências por duas vezes às mesmas famílias, respectivamente, nos dias 14 e 25 de novembro de 2017.

Os trabalhadores e trabalhadoras, vítimas da violência pertencem ao Acampamento Boa Sorte, os mesmos sofreram despejos no dia 14 de novembro, numa reintegração de posse, de uma área destinada à reforma agrária e colocados num ginásio de esportes na cidade de Candeias do Jamari.

newsrondonia.com.br/noticias

As famílias ficaram por dez dias no ginásio, depois conseguiram um comodato com um agricultor do Assentamento Flor do Amazonas numa região próxima ao antigo acampamento. Como se não bastasse, o despejo, enquanto montavam o novo acampamento no sábado, 25/11, as famílias foram surpreendidas, primeiramente pela Polícia Ambiental e em seguida pela Polícia Militar. Dez pessoas foram detidas e outras foram agredidas pelos policiais, que utilizaram cassetetes e balas de goma, ferindo diversas pessoas.

Segundo testemunhas, primeiro uma guarnição da Polícia Militar Ambiental formada por três agentes, sendo dois homens e uma mulher, entraram no local prendendo moto serras, facões, foices, enxadões e outras ferramentas usadas para construção dos barracos, e até mesmo as facas da cozinha comunitária do acampamento. Os agentes, tentaram deter duas pessoas, gerando a revolta do grupo e sendo impedidos pelas mulheres do acampamento na detenção que desejavam. Os trabalhadores afirmam que os policiais gritavam agredindo os acampados com palavras ofensivas, querendo descobrir quem eram os líderes, e que a resposta obtida era sempre: "O povo é líder!", o que irritava ainda mais os agentes.

Não satisfeitos com a resposta dos acampados, os policiais prometeram voltar, o que fizeram em questão de pouco mais de hora e meia, com cinco viaturas e mais ou menos 20 agentes. Segundo os relatos, os policiais chegaram gritando e exigindo que os acampados se retirassem da área, sem ter apresentado nenhum documento. Diziam que um fazendeiro havia denunciado “invasão de mais uma área por um bando de “vagabundos”!”

Um policial atingiu uma mulher com um soco no rosto, quando ela exigiu respeito e disse aos policiais que não eram vagabundos, nem prostitutas que estavam ali! Foram jogadas bombas de efeito moral, assustando crianças e mulheres grávidas. Houve muita correria, já que os policiais queriam destruir os barracos, e conseguiram ainda rasgar a lona de alguns. Muitos acampados, homens, mulheres e inclusive crianças, foram agredidos com cassetetes e balas de borracha. Os policiais somente se retiraram quando apareceu o dono do local, apresentando o documento da terra e confirmando ter autorizado o grupo a acampar em seu lote. Uma pessoa com problemas cardíacos passou mal e teve dificuldade para ser atendida.

Dez pessoas foram detidas, a maioria com diversas agressões e feridas, que foram levadas para delegacia, onde foram atendidos por advogados populares, sem que fosse lavrada nenhuma acusação de flagrante. Segundo os acampados, foram examinados porém e lavrado corpo de delito, por causa das lesões recebidas da polícia. Segundo os relatos dos detidos, já soltos, os policiais no trajeto de mais de 59 Km, entre os municípios de Candeias do Jamari e Porto Velho, iam em alta velocidade e aceleravam nos quebra molas durante o percurso.

No dia 15 de outubro os acampados denunciaram que um grupo armado atacou com muitos disparos de pistola, carabina e armas de grosso calibre a camponeses, homens e mulheres, que iam pescar no Rio Preto. Além destes fatos, os acampados também afirmam que seis policiais militares, três de Candeias e três de Porto Velho, fazem parte das milícias de pistoleiros que realizam vigilância privada clandestina na fazenda de terra, e teriam informações que recebem R\$ 150,00 por dia e outro tanto por noite de vigilância. O dono do lote que autorizou a instalação do acampamento recebeu ameaças

CPT-R0